

Aureliano ouve que juro é alto

O presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, Ruy Barreto, disse ontem, ao sair de audiência com o presidente da República em exercício, Aureliano Chaves, que a classe empresarial está perplexa e decepcionada com a falta de medidas do governo para baixar a taxa de juros cobrados pelos bancos.

O governo, além de não fazer baixar os juros, disse Ruy Barreto, é o responsável também pelas elevadas taxas praticadas no mercado financeiro, já que detém 70% dos depósitos bancários e ainda opera no **open Market** (mercado aberto). Ao deixar o gabinete do Presidente da República, o presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro disse que fez um relato a Aureliano Chaves da situação em que as empresas se encontram, observando que os empresários estão desestimulados.

Disse que Aureliano Chaves concordou em que os juros estão elevados, mas não disse o que o governo pretende fazer para reduzi-los. "Eu mostrei ao presidente um trabalho da Associação Comercial de Minas, que desde 1910 até agora os juros são controlados pela Sumoc (superintendência da Moeda e do crédito) e o

Banco Central; então, o governo deve manter essa linha de intervenção para controlar essas taxas e não deixá-las soltas, diante de uma economia que não é de mercado", afirmou o empresário, acrescentando que o País ainda tem uma economia dirigida, indexada, "e por que só deixar livre as taxas de juros, quando todas as demais matérias-primas são tabeladas"?

Além de sair do mercado, o governo tem que tabelar os juros, afirma Ruy Barreto, acrescentando que falta uma decisão política por parte do Presidente da República, porque se os responsáveis pela política econômica sabem do mal que está sendo feito e não tomam providências para corrigir esse mal, o quê que eles, empresários, pode fazer?

Para o presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, as elevadas taxas de juros estão levando o País a uma situação crítica, em decorrência de uma inflação crescente e um desenvolvimento decrescente, o que levará a uma estagnação, com reflexos negativos no Produto Interno Bruto-PIB, que, segundo disse, terá crescimento zero.